



Como fazer falar sua filha muda ?

Maria Vitoria Bittencourt

Esse título foi inspirado por uma frase de Lacan do Seminário XI : “ à análise não cabe encontrar num caso o traço diferencial da teoria e querer explicar porquê sua filha é muda , o que se trata é de fazê-la falar”, levantando o “mutismo do sujeito suposto falante”.¹ Essa expressão de Lacan vem de uma fórmula de Molière em “ Médico à força” onde um falso médico explica ao pai qual a causa de um pseudo mutismo da filha, utilizando explicações extremamente incompreensíveis, sem sentido, e terminando com a célebre fórmula : eis porquê sua filha é muda. Ou seja, Lacan levanta a questão das explicações confusas que persistiam na psicanálise pois isso não basta para garantir seu estatuto teórico se não levantar a questão do desejo do analista cujo maior efeito é fazer falar.

Mas como fazer falar sujeitos que se encontram paralisados quanto à fala tais como alguns autistas que embora habitem a linguagem, se recusam a entrar no laço social via discurso? Temos uma ilustração de efeito desse fazer falar no caso Dick, onde Melanie Klein, através do que Lacan chamou de “injeção edípica”, levou a criança a fazer seu primeiro apelo num esboço de demanda a sua baba para protegê-lo. Uma maneira de fazer sua “ entrada no real”, segundo a fórmula de Lacan para definir o momento em que o sujeito se eclipsa no significante

¹ Lacan, J. *O Seminário Livro 11 Quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Zahar Ed, Rio de Janeiro, 1979,p.18



da demanda.² Porém, essa entrada no real não foi sem angústia devido ao desamparo em que se encontra o sujeito diante do enigma do desejo do Outro.

Fazer falar implica provocar angústia ? Como manejar essa angústia ? Nesse mesmo seminário, Lacan aborda o manejo da transferência quanto à angústia de várias maneiras: “ Na experiência é necessário canalizá-la (a angústia) e se ousar dizer, dosá-la para não ser por ela submerso. Aí está uma dificuldade correlativa da que há em conjugar o sujeito com o real.”³

Talvez alguns fragmentos clínicos possam ilustrar a necessidade dessa dosagem., pois em alguns casos podemos constatar como angústia faz calar o sujeito numa espécie de anorexia da palavra.

Trata-se de uma criança “muda” pois sua única manifestação da fala eram gritos emitidos sempre que se aproximavam dela, chegando a gestos agressivos para que se afastassem dela. Na transferência, ela assume a mesma posição, colocando em ato seu mutismo de oposição, indiferente, brincando sozinho no seu canto ignorando minha presença. Num primeiro momento pensei em diagnóstico de autismo pois , instalado na linguagem, não tinha acesso à dimensão da palavra pois nenhum apelo vinha de seu lado. Seguindo uma indicação de Lacan⁴ , tratei de me tornar uma presença falante, porta voz de sua atividade lúdica falando muito e descrevendo seu brincar. Aos poucos começa a emitir sons, a balbuciar “sim” e “não” até que um dia, quando pego um

² Lacan, J., - “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” in *Escritos*, Zahar, Rio, 1998, p.662.

³ Lacan, J. – Seminário Livro XI Os quatro conceitos da psicanálise, Zahar, Rio, 1979, p.43.

⁴ Em sua Conferência sobre o sintoma em Genebra (1975) Lacan aborda essa questão: O fato de que eles (autistas) não nos escutam, no entanto há certamente algo para lhes dizer”.



animal digo que é uma rã, me responde “ a rã é pequena, mas não o sapo”. Primeira vez que escuto sua voz.- e daí em diante começa a falar , elaborando oposições significantes, numa dialética de combinações binárias onde tenta resolver o enigma da diferença sexual, saindo de seu isolamento mudo, construindo um sintoma fóbico onde localiza sua angústia.

Talvez nesse caso o “mutismo do sujeito falante” foi levantado pela presença falante – desejo do analista?- numa tentativa de canalizar a angústia que impedia de lidar com o enigma do desejo do Outro.

Porém diante de um signo do real, o sujeito muitas vezes se cala, devido a angústia paralisante que se torna um obstáculo . Afeto do real, impossível a ser simbolizado, a angústia deixa o sujeito sem recursos, surgindo cada vez que o sujeito se encontra suspenso entre um tempo onde não onde não poderá jamais se reencontrar⁵ . Foi assim que uma mulher descreveu o episódio sentido como traumático que suscitou sua demanda de análise. Ao ouvir seu nome num avião, informando que seu passaporte tinha sido encontrado, tendo que aguardar numa zona de transito, foi tomada de intensa angústia, vivida como insuportável , com a certeza de sua loucura: tinha perdido sua identidade. Diante de minha negativa quanto ao medicamento para certificar de sua “loucura”, pergunto o que estava querendo encobrir com o remédio. Daí ela começa a falar de seus “ segredos”, interrogando o sentido do fenômeno, numa elaboração de uma resposta ao desejo do Outro. O que parecia próximo à despersonalização, num sentimento de estranheza quanto à

⁵ Lacan, J. *Le séminaire livre IV La relation d'objet*, Seuil, Paris, 1994, p.226.



sua existência, objeto voz aparecendo no real, tratava-se antes de uma tentativa neurótica de responder à questão do desejo do Outro, numa manifestação da divisão do sujeito. Nesse caso, o que a fez falar foi a intervenção do analista se recusando a ocupar o lugar de mestre do saber . Talvez, nessa intervenção o analista estaria manejando a angústia segundo outra indicação de Lacan nesse mesmo seminário ao comentar a interpretação de Freud do desejo de Breuer no famoso caso de Anna O.: “Freud trata Breuer como um histérico ao lhe dizer – Teu desejo é o desejo do Outro . Coisa curiosa, ele não o desculpabiliza mas seguramente o desangustia – aqueles que sabem a diferença que faço entre esse dois níveis, podem tirar daí uma indicação”⁶. Trata-se do aparecimento de um sintoma histérico- gravidez nervosa de Anna O - em resposta à interrupção do tratamento por Breuer. O que desangustiou Breuer teria sido a interpretação de Freud que, ao explicitar que não se tratava de seu desejo mas do desejo do Outro, funcionou como um remédio a sua angústia. Pois, como afirma Lacan, “ se a angústia é o que lhes disse, uma relação de suporte ao desejo pois o objeto falta, ao inverter os termos, o desejo é um remédio para angústia”⁷. Assim a angústia vem como remédio tal como a fobia vem como solução pois substitui o objeto de angústia por um significante que dá medo, como vemos no caso de Hans. Teríamos então uma via para esse “ desangustiar”: o sintoma e o suportar o desejo.

⁶ Lacan, J. – *Seminário XI Os quatro conceitos da psicanálise*, Zahar, Rio de Janeiro, 1979, p... 150.

⁷ Lacan, J. – *Le Séminaire Livre VIII le transfert*, Seuil, 1991, p.430.

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚS
TIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?

EPFCL
MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

Assim, dosar, canalizar e desangustiar seria a função do analista no manejo da angústia na transferência, não sem o desejo do analista que faz falar o sujeito mudo.